



A disseminação da tradição e a preservação da memória coletiva na era digital¹

The dissemination of tradition and the preservation of collective memory in the digital age

Caroline Kraus Luvizotto*

RESUMO

Este artigo situa a disseminação de tradições e a preservação da memória coletiva diante do contexto teórico mais amplo trazido pelos estudos da cibercultura e das novas tecnologias de informação e comunicação, à luz da modernidade tardia. Nesse contexto, a internet e, em especial, as ferramentas da *web 2.0*, considerando as suas especificidades e limitações, podem aproximar atores sociais com a mesma vinculação identitária; proporcionar um ambiente para a disseminação e ensino de uma tradição e preservar a memória coletiva de um povo.

Palavras-chave: Tradição; Memória Coletiva; Cibercultura; Era Digital; Modernidade Tardia.

ABSTRACT

This article addresses the dissemination of traditions and the preservation of collective memory in the broader theoretical context brought by cyberculture studies and new information and communication technologies in the light of late modernity. In this context, the internet and especially *web 2.0* tools, considering their specificities and limitations, can approximate social actors with the same binding identity, provide an environment for dissemination and teaching of tradition and preserve the collective memory of a people.

Keywords: Tradition; Collective Memory; Cyberculture; Digital Age; Late Modernity.

INTRODUÇÃO

Uma análise acerca da influência da internet na disseminação, preservação e (re)invenção de tradições, na formação de identidades, sociabilidades e comportamentos requer uma perspectiva reflexiva baseada em teorias e conceitos capazes de abranger as variáveis da dinâmica cultural contemporânea.

Nessa dinâmica cultural, as estratégias para a realização das ações a serem empreendidas no cotidiano de cada indivíduo são impulsionadas e definidas pela realidade dos sujeitos. Consequentemente, entre essas ações, encontram-se as estratégias de transmissão de um lado, e busca de informações de outro.

¹ Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo auxílio concedido para o desenvolvimento desta pesquisa.

* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Socióloga. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, Campus de Bauru. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mídia e Sociedade. Endereço: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Departamento de Ciências Humanas. Universidade Estadual Paulista, av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01, Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru, SP. Telefone: (14) 3103-6064. E-mail: caroline@faac.unesp.br.

Por essa razão, este estudo considerou os contextos e processos social e cultural de grupos sociais, procurando identificar como se dão as práticas relativas ao processo de disseminação da informação em *websites*, redes sociais e comunidades virtuais da World Wide Web.

A *tradição* é um conjunto de sistemas simbólicos passados de geração para geração e que tem um caráter repetitivo. É uma memória coletiva de longa duração. São os usos e costumes, os símbolos, a linguagem, práticas, crenças, vestuário, culinária, música, poesia, dança, entre muitos outros elementos que fazem parte de uma dada cultura, um povo.

A infraestrutura de conectividade da internet é um aparato tecnológico que permite a comunicação de atores sociais no processo de disseminação de elementos da tradição, objetivando manter vivo aquilo que se apresenta como origem de um povo em seus aspectos culturais e históricos. Trata-se de conceber a internet, e todas as tecnologias de informação e comunicação que a caracterizam, como um mecanismo de disseminação da tradição, preservando assim, a memória coletiva de um determinado grupo social.

O ato de buscar informação em ambientes informacionais digitais que disseminam os elementos da tradição pode ser entendido como um exercício de reconstrução subjetiva do conhecimento. Então, pode-se dizer que, no caso das tradições divulgadas via internet em *websites*, redes sociais e comunidades virtuais, por exemplo, são duplamente (re)inventadas: estão submetidas às perspectivas de quem seleciona, organiza e dissemina os conteúdos tradicionais, e à lógica reconstrutiva daqueles que buscam tais informações (LUVIZOTTO; VIDOTTI, 2010).

Além disso, o fato de as memórias coletivas também serem disseminadas por meio da internet demonstra que a tradição está sendo (re)inventada e racionalizada, uma vez que ela não é encontrada apenas no espaço físico e temporal real, mas também, no espaço virtual, no qual basta que se compartilhe o mesmo endereço na *web*. A tradição pode ser vivenciada digital e virtualmente por meio do computador, além do contato visual, gestual, auditivo e físico.

As tecnologias da *web* estão redesenhando e redefinindo a disseminação de conteúdos culturais, criando novas e interessantes oportunidades de transmissão, mais personalizadas, sociais e flexíveis, com um caráter de compartilhamento de informações. Nesse sentido, na *web 2.0* o usuário não é mais pensado apenas como um agente passivo, mas, ao mesmo tempo e, principalmente, como produtor e desenvolvedor de conteúdo (ROTHBERG et al., 2014).

Com o objetivo de situar a disseminação de tradições e a preservação da memória coletiva, diante do contexto teórico mais amplo trazido pelos estudos da cibercultura e das novas tecnologias de informação e comunicação, este artigo se desdobra em duas partes. Em primeiro lugar, teorizações pertinentes são retomadas acerca dos conceitos de tradição, cibercultura e modernidade, a fim de facilitar a percepção dos fenômenos recentes, à luz de proposições clássicas. Em segundo lugar, os resultados de uma discussão acerca da disseminação das tradições e da preservação da memória coletiva na era digital.

A DISSEMINAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DAS TRADIÇÕES NO CONTEXTO DA MODERNIDADE TARDIA

As sociedades modernas encontram-se em um momento em que são obrigadas a refletir sobre si mesmas e, ao mesmo tempo, desenvolvem a capacidade de refletir retrospectivamente sobre si mesmas, isso caracteriza a chamada modernização reflexiva ou a modernidade tardia (GIDDENS, 1997).

Presenciamos de modo muito marcante a desorientação e a sensação de que não compreendemos completamente os fenômenos sociais e, que, conseqüentemente, perdemos o controle. Entre as mudanças trazidas pela modernidade, evidencia-se a transformação das relações sociais e também a percepção dos indivíduos e coletividades sobre os perigos e riscos do viver, bem como, sobre a segurança e a confiança. A modernidade se distancia do “referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais”, e os atores sociais sentem-se num mundo em que lhes falta o “apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais” (GIDDENS, 2002, p. 38). As tradições representam segurança para as sociedades contemporâneas, pois se relacionam com aquilo que é genuíno e original nas sociabilidades de cada grupo. Preservar as memórias coletivas dos grupos sociais é fundamental para a manutenção das sociedades modernas.

A modernidade tardia indica uma mudança no modo de vivenciar as relações a partir da identificação da razão como o elemento ordenador, que produz confiança e elimina ou minimiza os riscos. Ao indivíduo moderno, cabe confrontar seus exageros, assumir-se como objeto de reflexão e exercer uma crítica racional sobre o próprio sistema, tornando-se um tema e um problema para si mesmo. Esse indivíduo reflete sobre o mundo em que vive e exerce uma análise racional das conseqüências de fatos passados, as condições atuais e a probabilidade de perigos futuros, procurando assim, minimizar os perigos à medida que esse futuro vai se tornando presente (LUVIZOTTO, 2010).

Para alcançar a ordem e a continuidade a respeito das experiências do indivíduo, aquilo que Giddens (2002) define como segurança ontológica na modernidade, é necessário (re)inventar tradições e se afastar de tradições genuínas, isto é, aqueles valores radicalmente vinculados ao passado pré-moderno. Esse é um caráter de descontinuidade da modernidade, a separação entre o que se apresenta como o novo e o que persiste como herança do velho. É fundamental preservar a referencia ao passado e aos elementos que configuram segurança, mas, simultaneamente, essas práticas devem ser revistas e atualizadas de acordo com as novas demandas dos grupos sociais.

Entende-se a “tradição” como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração para geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica, e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade, e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma (LUVIZOTTO, 2010).

A tradição se reporta ao futuro, ou melhor, indica como organizar o mundo para o tempo futuro, que não é concebido como algo distante e separado, mas sim diretamente ligado a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Essa linha é a tradição. Ela persiste e é (re)modelada e (re)inventada a cada geração. As memórias coletivas dos grupos sociais são fundamentais para a manutenção da

identidade do grupo, sendo uma das principais forças de coesão para os sujeitos sociais pertencentes a uma cultura.

Como observam Hobsbawn e Ranger (1997), toda tradição é uma invenção que surgiu em algum lugar do passado, podendo ser alterada em algum lugar do futuro. As tradições sofrem alterações constantes, mas há algo em relação à noção de tradição que pressupõe persistência: se for tradicional, uma crença ou prática tem uma integridade e continuidade que resistem aos contratempos e às mudanças. A tradição sobrevive de citações, que podem ser sônicas e/ou visuais, e que consistem em traços de referências de elementos que transportam para o passado. Mas os traços encontram-se completamente descontextualizados e abertos a qualquer contextualização.

Segundo Hobsbawn e Ranger, “inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta” (HOBBSAWN; RANGER, 1997, p. 12). Por exemplo, quando transformações rápidas e incessantes reconstróem os padrões sociais, novos padrões são criados e as práticas tradicionais se ajustam a esse processo contínuo.

Deve-se entender a tradição como um campo que envolve um ritual e que possui *status* de integridade, uma forma de garantir a preservação, baseada em modelos que podem ser histórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização no curso da história dos atores sociais. Em suma, a tradição passa a ter um caráter normativo, relacionado aos processos interpretativos, por meio do qual o passado e o presente são conectados para ajustar o futuro.

Os rituais que envolvem a tradição constituem um meio prático de preservação. Os rituais são ferramentas utilizadas para preservar a memória coletiva e as verdades inerentes ao tradicional. Segundo Silva (2005), a experiência cotidiana é fortalecida pelos rituais que reforçam a união na comunidade. Os rituais possuem uma esfera e linguagem própria e uma “verdade em si”, isto é, uma verdade formular. Giddens explica que “a fala ritual é aquela da qual não faz sentido discordar nem contradizer – e por isso contém um meio poderoso de redução da possibilidade de dissensão” (GIDDENS, 1997, p. 83).

São diversas as maneiras de transmitir tradições. Durante sua história, o homem se utilizou dos gestos, da expressão corporal e do espetáculo como forma de lazer, entretenimento e comunicação. A fim de manterem suas tradições, os povos antigos exploravam a festa, a dança, os cantos e os rituais para transmitir, disseminar e preservar a sua cultura.

Além desses elementos marcantes no cotidiano de cada comunidade, o aspecto familiar também deve ser levado em consideração. Sem dúvida, as informações passadas de geração para geração, por meio de narrativas apoiadas pela memória dos mais velhos, com uso ou não de artefatos que apoiam a memória, como fotografias, por exemplo, é o meio mais familiar e íntimo de transmitir uma tradição.

A partir das transformações vivenciadas pela sociedade contemporânea e o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação (TICs), pode-se citar outros meios além dos já mencionados, para transmitir, ensinar e preservar tradições: o jornal, o rádio, a televisão e a internet. Este último é objeto de um estudo mais detalhado nesta pesquisa.

Considerando a potencialidade apresentada pelas TICs, essa etapa da pesquisa discute a disseminação das tradições e a preservação da memória coletiva na era digital.

A *web* pode ser entendida e visualizada como uma rede na qual as informações em formato digital e reconfigurável estão estruturadas em *websites* hipertextuais, aqui tratados como ambientes informacionais digitais.

A *web* encontra-se imersa no ciberespaço, que, conforme Lévy, caracteriza-se como um meio de comunicação possível a partir da interconexão mundial de computadores. “O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 17).

O ciberespaço é o lugar não material ou o *locus* digital onde as pessoas acessam, recuperam, organizam, ensinam, disseminam e compartilham informação e conhecimento. Cada dia mais pessoas recorrem ao ciberespaço para o ensino, a transmissão, a disseminação e a aprendizagem, utilizando ou divulgando serviços oferecidos pela internet, que respondem às suas exigências pessoais de conhecimento sob as mais diversas formas de mídia – imagens, textos, sons, vídeos, etc. Não importa o quanto esses documentos estejam distantes dos usuários solicitantes. Basta um clique para acessar as memórias conectadas de outros computadores, em qualquer ponto do planeta.

No ciberespaço, é possível o encontro e o agrupamento de usuários de acordo com seus interesses, necessidades e maneiras próprias de oferecer, receber e trocar informações e documentos, constituindo grupos com características e propósitos específicos, as comunidades virtuais, que, segundo Lévy (1999), caracterizam-se pelo agrupamento virtual de indivíduos de qualquer lugar, sexo, faixa etária, grau de instrução, condição socioeconômica, etc.

Esse agrupamento virtual tornou-se muito mais intenso e efetivo com o desenvolvimento da *web 2.0*, a segunda geração de serviços *online*, caracterizada por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de expandir os espaços para a colaboração entre os participantes desse processo.

Para proceder a uma análise de ambientes informacionais digitais que objetivam a comunicação entre os atores de uma comunidade, a disseminação de suas tradições e a preservação da memória coletiva, deve-se primeiramente considerar a condição de complexidade que envolve toda situação informativa. De modo simplificado, toda comunicação consiste na tentativa de emissão de uma informação com um determinado conteúdo a pessoas igualmente determinadas, por meio de um instrumento devidamente escolhido para essa finalidade. Nesse sentido, se demarcada nos termos necessários a um entendimento sociológico, há que se considerar a informação como uma modalidade de “ação social”. Segundo Weber (1978, p. 139), por ação social deve ser entendida toda ação “com sentido próprio, dirigida para a ação de outros”.

O sentido é o significado atribuído pelo ator à ação, e o leva a escolher os princípios, os procedimentos e a finalidade. Para Weber (1978), a ação social se difere de todas as outras formas de ação exatamente por isso: porque o ator tem consciência daquilo que escolhe, e as ações podem ser classificadas conforme o grau de consciência do ator sobre o significado delas. Weber distinguiu assim quatro tipos “puros” ou ideais de ação: ação racional com relação a fins, ação racional com relação a valores, ação afetiva e ação tradicional. As duas últimas formas de ação encontram-se no limite da consciência, e por isso são carregadas de elementos emocionais, sobre os quais o ator não tem pleno domínio. Daí a condição de “irracionalidade” que pesa sobre elas.

Dessa forma, à luz da Sociologia de Weber, a condição de complexidade aumenta ainda mais quando se tenta compreender a complicada relação existente entre a informação e a internet, em especial a *web*, como meio escolhido pelos atores sociais, e o conteúdo a ser transmitido, qual seja, aquilo que nomeiam como tradição.

Assim, começa a se delinear a forma específica da (re)invenção da tradição na sociedade da informação, num contexto que tem como elemento norteador a escassez do tempo e do espaço, suprimindo as distâncias de comunicação entre os diversos locais do globo e estabelecendo uma simultaneidade de interconexões. De acordo com Castells (2006), isso conta com um enorme desenvolvimento das tecnologias, em especial as da informação, gerando novos meios de comunicação e, conseqüentemente, maior importância da informação como fonte de valor.

Ainda segundo Castells (2006), esse cenário apresenta uma multiplicação de informações e imagens de todo o globo, lançadas pela mídia e pela indústria cultural; ou são trocadas por indivíduos e grupos sociais, por meio dos novos meios de comunicação, como a internet, difundindo identidades, tradições, articulações étnicas e culturais.

A CIBERCULTURA E A DINÂMICA COMUNICACIONAL CONTEMPORÂNEA

Para apresentar uma discussão acerca da disseminação de tradições e da preservação da memória coletiva de um grupo social, e os processos comunicativos e interativos que a envolvem diante do contexto teórico mais amplo trazido pelos estudos da cibercultura, faz-se necessário, inicialmente, tecer considerações acerca das tecnologias de informação e comunicação e da arquitetura da informação do ambiente informacional digital.

As ferramentas da internet conhecidas como *web 2.0* estão organizando e fomentando o desenvolvimento de novas redes sociais virtuais, à medida que são reduzidos os custos da mobilização de atores sociais. As tecnologias *web 2.0* possuem potencial articulador e mobilizador e, segundo Scherer-Warren (2006, p. 115), “por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações – e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores”. Nesse sentido, todo e qualquer ator social que se interesse por uma temática e desenvolva um vínculo identitário com ela poderá, por meio do acesso de *websites*, redes *online* e comunidades virtuais, por exemplo, conhecer, aprender, contribuir e compartilhar as informações sobre uma dada cultura ou grupo social.

Web 2.0 é o termo usado para descrever a segunda geração da *web* baseada em inteligência coletiva, isto é, na construção coletiva do conhecimento. Por meio da interação, comunidades criadas em torno de interesses específicos poderão apoiar uma causa, discutir temas individuais ou de relevância coletiva, levar a opinião pública à reflexão sobre qualquer assunto, ensinar e transmitir conteúdos informacionais, disseminar e preservar informações culturais, entre muitas outras ações. Pessoas físicas, movimentos populares, instituições, governos, empresas, grupos culturais e acadêmicos, entre muitos outros, estão incorporando essa cultura para gerar conhecimento.

Em lugar de simplesmente visualizar as informações em páginas da *web* estáticas, os usuários agora publicam conteúdo próprio nos *blogs*, *microblogs*, *wikis*. redes sociais e *websites*, que compartilham textos, fotos e vídeos, por exemplo. As pessoas estabelecem colaboração, listas de discussões e comunidades *online*. Além disso, é

possível combinar e compartilhar informações, conteúdo e serviços de várias fontes para criar experiências e aplicativos personalizados.

Suas competências centrais são: serviços, não *software* “empacotado”; arquitetura de participação; escalabilidade de custo eficiente; fonte e transformação de dados remixáveis; *software* em mais de um dispositivo; capacidade de empregar a inteligência coletiva. Suas principais características são: *web* dinâmica; compartilhamento e colaboração; foco no conteúdo; possibilidade de utilização de qualquer mídia, que só não pode ser estática; conteúdo participativo e democrático; realimentação constante de informação. A *web 2.0* usa a *web* como plataforma e o usuário controla seus próprios dados.

Resumidamente, os ambientes *web* devem prover um mecanismo em que os usuários sejam mais que consumidores de conteúdo e aplicativos – devem permitir que eles possam criar conteúdo e interagir com vários serviços e pessoas.

Um elemento-chave da *web 2.0* são os conceitos de rede social, comunidade, colaboração e discussão. Naturalmente, as pessoas desejam se comunicar, compartilhar e discutir. Essa comunicação é uma parte primordial do entendimento, do aprendizado e da criatividade. Na *web 2.0*, a escala abrupta, o número de pessoas na internet e a interação entre elas criam uma arquitetura participativa, na qual as informações e sistemas ficam melhores à medida que são mais usados e mais indivíduos os utilizam. Como exemplos de sites que usam esse conceito, podemos citar: Youtube, Wikipedia, Flickr, Facebook, Delicious, Slideshare, Second Life, Instagram.

Foi a característica de rede que possibilitou o desenvolvimento das relações sociais e das comunicações na internet, mesmo que esse conceito não tenha surgido com a internet – a rede como fenômeno social já era estudado por matemáticos e sociólogos, que tentavam compreender suas estruturas e conexões –, foi na internet que ela se intensificou, expandindo as teias e atribuindo grande importância à interação entre os nós.

Os recursos da *web 2.0* facilitaram a criação e a circulação de conteúdos para os usuários da internet, que podem atuar como leitores, autores, produtores e editores de conteúdo informacional multimídia. O usuário não é mais pensado como agente passivo, mas como desenvolvedor de conteúdo. A segunda geração de ferramentas *online* potencializa as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de expandir os espaços para a colaboração entre os participantes. Ela reforça a promessa de criação de inteligência coletiva ou construção coletiva do conhecimento. Por meio da interação, comunidades formadas em torno de interesses específicos poderão difundir aspectos de determinada tradição, preservar a memória coletiva de um grupo social, apoiar uma causa, discutir temas individuais ou de relevância coletiva, levar a opinião pública à reflexão e disseminar informações políticas e sociais (VALENTE; MATTAR, 2007).

Por meio da internet, pode-se ultrapassar a censura ideológica e as políticas editoriais dos meios de comunicação tradicionais, como a televisão, o rádio e a mídia impressa. Com as novas TICs, espera-se disseminar os conteúdos informacionais com o máximo de intercâmbios, buscando-se a interação, o apoio, as críticas, as sugestões. No caso da disseminação de uma tradição e da preservação da memória coletiva, isso se traduz na expressão de elementos significativos com valor simbólico a respeito de uma cultura ou grupo social, por meio de seus atores sociais, e da forma mais diversa e abrangente possível.

Essa relação entre homem e tecnologia determinou também a cibercultura, que é a cultura de comportamento, de identidade e da técnica na sociedade da informação. É a cultura contemporânea, na qual o homem está imerso em um ambiente *online* e digital: “A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura” (LEMOS, 2008, p. 15).

As novas tecnologias enraizaram-se na vida humana. Anteriormente, estar conectado significava estar à frente de um computador, mas o surgimento dos dispositivos móveis – *tablets*, *notebooks*, *netbooks* e *smartphones* – deram mobilidade à conectividade. A tecnologia *wireless* aumentou a possibilidade territorial da conectividade.

Lemos (2008) definiu a apropriação como a essência da cibercultura; para ele, essa apropriação ocorre em duas dimensões: uma técnica, que compreende o conhecimento do uso da ferramenta, e outra simbólica, com a qual se dá sentido social ao uso da ferramenta. Para Recuero (2012, p. 41), o ciberespaço é compreendido como um “ambiente social”, apropriado como “ambiente técnico”, tornando-se um “ambiente da conversação”. Dois elementos são fundamentais para a análise desses ambientes: “como esses espaços fornecem elementos para a construção da conversação através de ferramentas utilizadas pelos grupos sociais e como esses grupos constroem e se apropriam do contexto gerado por elas e por sua experiência no ciberespaço como elemento da conversação” (RECUERO, 2012, p. 41).

Essa apropriação possibilita a interação entre usuários – privilegiados pela estrutura de rede –, já que ela liga os nós de maneira contínua e possibilita a troca de informações pelos laços sociais. Primo (2008) conceitua a interação mediada por computador em dois aspectos: primeiro, no que tange à programação de códigos e máquinas; e segundo, no processo de negociação entre os interlocutores. Destacam-se dois tipos de interação: “a interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação”, todos os envolvidos participam da construção inventiva, afetando-se mutuamente; já a “interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulos e resposta” (PRIMO, 2008, p. 57).

Dois conceitos fundamentais guiam as interações mediadas por computador: a conversação mediada por computador, que guia a interação usuário-usuário; e a arquitetura da informação, que guia o processo usuário-*website*.

O discurso produzido *online* nas interações mútuas é chamado de “comunicação mediada por computador”, CMC (RECUERO, 2012). Para Hering (1996), CMC é quando humanos se comunicam pela instrumentalidade dos computadores.

Já a arquitetura da informação (AI), chave no processo de interação reativa, é para Adolfo e Silva (2006) uma área interdisciplinar que tem o objetivo de estruturar e organizar espaços de informação.

Camargo e Vidotti (2008, p. 2-3) identificaram cinco elementos da arquitetura da informação: “[...] processos e elementos básicos e específicos para o desenvolvimento de qualquer ambiente informacional digital; processos e elementos de acessibilidade; usabilidade e personalização; estrutura flexível e aberta; e possibilidade de retroalimentação”.

Os processos e elementos básicos e específicos são a organização e a estruturação do *website*, ou seja, a maneira com que ele se apresenta ao usuário e que possibilidades de recuperação de informação e de busca ele oferece. Algumas dessas

ferramentas são: catalogação, classificação, indexação, *hyperlinks* e ferramentas de busca.

Estruturas de acessibilidade foram incorporadas para adaptar as plataformas às necessidades dos usuários, “respeitando suas condições sensoriais, linguísticas e motoras em relação ao *hardware* e ao *software* utilizados” (CORRADI; VIDOTTI, 2007, p. 3). Essas estruturas são identificadas em ferramentas de áudio-descrição, por exemplo.

A usabilidade é um conceito mais complexo, já que é resultado da combinação das ferramentas de AI. “A experiência do utilizador vai além da eficiência, qualidade das tarefas e satisfação do utilizador, pois considera os aspetos cognitivos, afetivos, sociais e físicos da interação. Nesta perspectiva, a experiência do utilizador contextualiza a usabilidade” (MARTINS et al., 2013, p. 32).

Mesmo que a usabilidade dependa diretamente da arquitetura de um *site*, esses conceitos são distintos. Estudiosos de usabilidade estão mais preocupados em observar a contribuição da organização de um *site* para as interações; ao passo que os estudiosos de AI concentram seus esforços na estruturação do *site*.

Num contexto de disseminação de tradições e de preservação da memória coletiva, acessibilidade e usabilidade são dois elementos essenciais para garantir um ambiente democrático, plural, não excludente, e que possibilite a informação ao alcance de todos os atores sociais que se identificam com o conteúdo tradicional apresentado no ambiente informacional digital.

As redes sociais refletem o mundo em movimento e se referem a um conjunto de pessoas, organizações ou outras entidades sociais, que se encontram conectadas por relacionamentos sociais. Estes podem ser motivados pela amizade, por relações sociopolíticas e culturais, relações de trabalho ou compartilhamento de informações. Por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo a estrutura social (MOLINA; AGUIAR, 2004).

A interação realizada a partir das redes sociais é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas (o conteúdo) e pelos integrantes da rede, que se encontram em contextos geográfico, social, político e temporal diferentes, mas, também pelo relacionamento que existe entre os integrantes. Trata-se de uma construção coletiva, inventada pelos indivíduos que agem durante o processo, e não pode ser manipulada unilateralmente ou predeterminada (PRIMO, 2008).

A internet e suas ferramentas comunicativas trouxeram uma nova compreensão e sentido para a participação, a democracia, o ativismo e as identidades coletivas. A partir das ferramentas *web 2.0*, caracterizadas pela interação e colaboração, é possível participar de ações sociais coletivas de modo *online* e *offline* (ROTHGERG et al., 2014).

No modo *online*, uma vez que a estrutura de conectividade da internet permite derrubar a barreira do tempo e do espaço, possibilitando a qualquer ator social se manifestar e deliberar sobre os mais diversos assuntos e contextos sociais. É possível fazer parte de grupos virtuais que possuam uma motivação, uma identidade coletiva, e ali se autorrepresentar, discutir, propor, aprender e organizar ações.

No modo *offline*, ao fazer parte de um grupo social com vínculo identitário, em momentos ou rituais de disseminação da tradição, o ator pode postar vídeos, fotos e todo tipo de conteúdo informacional em tempo real, tornando público aquele momento que somente os participantes *offline* teriam condições de conhecer.

Contudo, com o uso da internet, isso passa a ser de domínio público, instrumentalizando a preservação da memória coletiva.

Considerando a potencialidade apresentada pelas tecnologias informacionais e comunicacionais na atualidade, é possível se observar as formas pelas quais grupos sociais, mobilizados em torno de uma vinculação étnica ou cultural, podem se servir do aparato da rede mundial de computadores a fim de divulgar aspectos de sua cultura e modo de vida para a população de todo o planeta. Como exemplo de como a internet pode contribuir para a preservação da tradição e memória coletiva de um grupo social, destacamos os grupos tradicionalistas gaúchos, que utilizam esse aparato tecnológico para disseminar seu conteúdo.

Além das informações administrativas e estruturais de funcionamento, o *website* da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG)² contém informações que atendem aos objetivos da Confederação: concernentes à divulgação das políticas e diretrizes de atuação do Sistema Confederativo do Movimento Tradicionalista Gaúcho; dos eventos nacionais para valorização da cultura; das tradições e do folclore gaúcho, como por exemplo, o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (Enart); dos elementos para autenticidade e preservação das tradições gaúchas; bem como das expressões do Movimento Tradicionalista Gaúcho e dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG). O *website* traz um link para a TV Tradição³ – cultura gaúcha para todo o mundo ver, uma *webtv* com programação voltada para a cultura e a tradição gaúcha, elaborada pelos tradicionalistas e por pessoas não vinculadas ao movimento, mas que se identificam com a cultura –, o link para a página da CBTG no Facebook⁴ e o link para o *blog* da CBTG,⁵ com notícias atualizadas sobre eventos e atividades voltadas à valorização da tradição gaúcha. Fotos, vídeos, textos, *links* para diversas páginas tradicionalistas são encontradas no *website* da CBTG. A contribuição dos usuários é bastante frequente.

O *website* do Movimento Tradicionalista Gaúcho⁶ (MTG) tem como meta a preservação, o resgate e o desenvolvimento da cultura gaúcha, e apresenta informações sobre o movimento e sua estrutura administrativa, funcional e de congregação dos Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins, objetivando preservar o núcleo da formação gaúcha, cuja filosofia decorre da “Carta de princípios” do MTG. Lá estão disponíveis informações sobre a história do Rio Grande do Sul, com destaque para as bandeiras, o hino, o brasão das armas, as missões jesuítas, as imigrações e as revoluções, entre outros assuntos; textos relacionados ao tradicionalismo – editoriais, notícias, artigos, poesias, prosas, causos; e um *blog* de comunicação entre os usuários,⁷ em que há espaço para postagens, comentários, divulgação de conteúdo nos mais diversos suportes e os *links* para as redes sociais, Facebook⁸ e Google Friend Connect. O MTG se propõe a divulgar e preservar as tradições por meio de um Departamento de Formação Tradicionalista, e a agenda de

² Disponível em: <<http://www.cbtg.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

³ Disponível em: <<http://www.tvtradicao.com.br>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/CBTG.87>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

⁵ Disponível em: <<http://cbtg.com.br/blog/>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

⁶ Disponível em: <<http://www.mtg.org.br>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

⁷ Disponível em: <<http://mtg-rs.blogspot.com.br>>. Acesso em: 12 out. 2014.

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoTradicionalistaGauchaRS>>. Acesso em: 12 out. 2014.

cursos de formação está disponível na página do grupo.⁹ Destaca-se a Fundação Cultural Gaúcha, que fornece respaldo ao MTG com relação às atividades ligadas ao tradicionalismo, à cultura e às artes nativas.

Em 2007, foi fundado o primeiro Centro de Tradição Gaúcha (CTG) virtual no Second Life, o Centro de Tradições Gaúchas Estância Celeste Brasil, criado por iniciativa do jornalista Clediney Silva e localizado na Ilha Brasil Porto Alegre do Second Life. O CTG virtual possui dois locais de baile, um galpão aberto e um salão fechado, além de fogo de chão com churrasco e arena de rodeio, assemelhando-se a um CTG real. No porão do salão fechado, estão o escritório da patronagem, os estúdios da Rádio CTG Brasil e uma exposição de quadros com notícias publicadas pela imprensa nacional.¹⁰ Neste CTG virtual, ocorre a divulgação e compartilhamento da tradição gaúcha por meio da interação dos usuários: o indivíduo cria uma personagem (avatar) e visita ambientes produzidos por outros usuários, podendo, assim, conviver com tradicionalistas de qualquer parte do mundo. Dessa forma, as expressões da cultura gaúcha são divulgadas para os mais diversos pontos do planeta.

O fato de as tradições gaúchas serem disseminadas por esses grupos por meio da internet demonstra que a tradição está sendo (re)inventada e racionalizada, uma vez que agora ela não é encontrada apenas no espaço físico e temporal real, mas, também, no espaço virtual, no qual basta que se compartilhe o mesmo endereço na web.

Milhões de pessoas vivenciam a tradição, não só no seu espaço físico e temporal real, mas também no espaço virtual. O meio digital é incorporado às demais práticas de transmitir a tradição para atingir os objetivos dos tradicionalistas de manter o vínculo identitário do grupo e preservar a memória coletiva, uma vez que os elementos da tradição gaúcha podem ser acessados e oferecidos de qualquer lugar do mundo, por todos aqueles que se identificam com essa cultura, mas não só por eles. Quando a tradição vai para a internet, ela fica ao alcance de todo e qualquer indivíduo, independentemente da sua cultura ou vinculação étnica.

Nesta pesquisa, pode-se observar que, a despeito do inegável potencial apresentado pela internet, os websites da CBTG e do MTG poderiam utilizar os recursos disponíveis no meio digital de modo mais efetivo, o que potencializaria a disseminação de informações de forma mais participativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as possibilidades de pertencimento nas comunidades virtuais constituídas a partir de inúmeras temáticas, as quais passam a ser ferramentas identitárias dos indivíduos vinculados a elas. Essas comunidades reforçam vários movimentos e grupos culturais e vêm ganhando território e seguidores por meio de comunidades na internet, criadas para sua disseminação e a preservação das memórias coletivas. Com o propósito de preservar a cultura e a tradição, essas comunidades virtuais são reflexos da modernidade tardia, que leva a racionalização das tradições também para o ambiente digital.

⁹ Disponível em: <<http://www.mtgrs.com/cursos>> Acesso em: 20 out. 2014.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.secondlife.com>> Acesso em: 20 out. 2014.

As comunidades virtuais constituídas em torno da cultura e da tradição são um sinal de que presenciamos um momento de modernidade tardia no Brasil, representado pela racionalização e a reflexividade das relações, ações e tradições. Aquilo que tradicionalmente era transmitido por meio oral, por intermédio de relatos entre pais e filhos, entre os diversos membros da comunidade, a partir da vivência coletiva das práticas tradicionalistas – por exemplo, com o apoio de recursos como a fotografia, a música, a dança, a gastronomia, entre outros –, também é disseminado e preservado utilizando redes sociais e comunidades virtuais. Pertencem a essas redes e comunidades pessoas que possuem um vínculo identitário com a mensagem transmitida pelos responsáveis pelo *website*. Acessam o *website* todos aqueles que, pertencendo ou não a tais redes ou comunidades, identificam-se com o conteúdo ou procuram algo sobre tal conteúdo, de acordo com a sua própria subjetividade.

Com o aparato digital, é possível criar, inventar, reinventar tradições, conferindo-lhes a aparência de repetição e preservando a memória coletiva. Sendo assim, símbolos, mitos de origem, percursos históricos, identidades, entre muitos outros elementos, podem ser criados, recordados, interpretados em permanência, atribuindo um caráter de continuidade, segurança e estabilidade à tradição.

É possível compreender que quando a tradição é transmitida, disseminada e preservada na internet, ela se coloca ao alcance de todo e qualquer indivíduo, independentemente da sua cultura ou vinculação étnica. Esse é um processo de racionalização e permite que qualquer um entre em contato com a tradição, não havendo controle de quem vai acessar o conteúdo informacional digital. Com o desenvolvimento das ferramentas da *web 2.0*, o indivíduo não é apenas um leitor, ele é um construtor do conhecimento. Nesse sentido, a tradição é constantemente (re)inventada e experimentada de novas maneiras, e não se pode excluir ninguém desse processo. Todos que compartilham as informações na internet são sujeitos ativos do processo de racionalização das tradições. Aqui se deve ter em mente que ainda não possuímos no Brasil a estrutura de conectividade e a inclusão digital para que todos os cidadãos participem desse processo.

No contexto da modernidade tardia, as tradições são racionalizadas e (re)inventadas, e os símbolos, as suposições, as práticas, os preconceitos, as normas, as crenças e padrões de comportamento são trazidos do passado, e atuam como materiais simbólicos necessários para a autoformação da identidade individual e coletiva. A tradição molda o sentido que cada indivíduo tem de si mesmo e o de pertencer a um grupo social.

A separação entre tempo e espaço, possível na era digital, favorece a constituição de comunidades virtuais compostas de integrantes que não convivem fisicamente juntos num mesmo espaço. Em razão da velocidade na qual se dá a comunicação – e das suas várias formas de ocorrência –, para que as pessoas se sintam juntas e vinculadas a um determinado grupo cultural, basta que elas consigam compartilhar o tempo, não precisando mais se encontrar simultaneamente num mesmo espaço físico. A separação entre tempo e espaço não interfere na vinculação identitária.

No que se refere às comunidades e redes sociais na internet, as tecnologias e ferramentas características da *web 2.0* possibilitam a criação de novos espaços de expressão e discussão sobre temas intimamente ligados à tradição e suas manifestações sociais. As comunidades virtuais e as redes sociais na internet podem se configurar como novos espaços, que se apresentam como instrumentos para a preservação da memória coletiva de um grupo sociocultural: mais dinâmicos, colaborativos e de rápida disseminação.

Pelas características próprias do meio utilizado – as redes sociais e as comunidades virtuais –, e mesmo que tenham sido produzidas de acordo com um planejamento racional por aqueles que selecionam as informações e as apresentam como elementos constitutivos de uma tradição, a participação está relacionada à vontade do usuário, segundo suas próprias intenções, interesses, necessidades ou racionalidade. De modo que o que vai aproximar esse usuário das práticas *online* e *offline* é o vínculo identitário e o sentimento de pertencimento a um grupo sociocultural. É fundamental que haja um vínculo identitário entre o ator social e o grupo sociocultural, para que haja a participação ativa ou ocasional nos espaços de rituais da tradição.

O que torna a internet tão atrativa, além dos motivos mencionados, é que ela possui um caráter de ludicidade, identificado em *websites* interativos e colaborativos, que possibilita o compartilhamento de informações de maneira criativa, descontraída e personalizada. O indivíduo é mais que um leitor: ele é um sujeito ativo, e lhe é permitido contribuir na construção dos conteúdos informacionais do *website*. Isso ocorre porque a internet conta com uma geração de serviços, a *web 2.0*, que privilegia a colaboração e o compartilhamento das informações, propiciando uma ação efetiva do usuário nesses ambientes informacionais digitais.

A internet, e em especial as ferramentas da *web 2.0*, considerando as suas especificidades e limitações, podem aproximar atores sociais com a mesma vinculação identitária, proporcionar um ambiente para a disseminação e ensino de uma tradição, e preservar a memória coletiva de um povo.

Artigo recebido em 31/01/2015 e aprovado em 18/03/2015

REFERÊNCIAS

CAMARGO, L.; VIDOTTI, S. A. B. G. Arquitetura da informação para ambientes informacionais digitais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Ancib, 2008. Disponível em: <<http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-08/2-uncategorised/207-gto8-anais-digitais-ix-enancib>>. Acesso em: 12 out. 2014.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CORRADI, J.; VIDOTTI, S. A. B. G. Elementos de acessibilidade em ambientes informacionais digitais: bibliotecas digitais e inclusão social. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS BRASIL – SIBDB, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Sibi, USP, 2007. v. 1, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=23455>>. Acessado em 12 out. 2014.

GIDDENS, A. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

- HERRING, S. *Computer-mediated communication: linguistic, social, and cross-cultural perspectives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmc.intro.1996.pdf>>. Acesso em: 12 out. de 2014.
- HOBBSAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida na cultura contemporânea*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LUVIZOTTO, C. K. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- LUVIZOTTO, C. K.; VIDOTTI, S. A. B. G. Redes sociais e comunidades virtuais para a preservação e transmissão das tradições gaúchas na internet. *Informação & Sociedade: UFPB*, v. 20, p. 77-88, 2010.
- MARTINS, A. I. et al. Avaliação de usabilidade: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologia da Informação*, n. 11, p. 31-43, 2013.
- MOLINA, J. L.; AGUIAR, C. Redes sociales y antropología: discursos étnicos y redes personales entre jóvenes en Sarajevo. In: LARREA KILLINGER, C.; ESTRADA, F. *Antropología en un mundo en transformación*. Barcelona: Servicio de Información, Universidad de Barcelona, 2004.
- PRIMO, A. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- ROTHBERG, Danilo et al. As revoltas e seu impacto sobre a comunicação pública: o potencial do Observatório Participativo da Juventude. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro: Ibict, v. 10, n. 1, p. 227-240, 2014.
- SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.
- SILVA, A. O. da. Anotações sobre a modernidade na obra de Anthony Giddens. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 4, n. 47, abr. 2005.
- VALENTE, C.; MATTAR, J. *Second Life e web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec, 2007.
- WEBER, M. Ação e relação social. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. (Org.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.